



O erro da beleza na literatura: as mãos do *David*, de Michelangelo, e a lembrança de Clarice Lispector

E assim. Existem mais coisas a serem vistas. Mais experiências a serem vivenciadas. Alvéolos a serem escolhidos e mimados.

Concavidades na mão direita de David de Michelangelo que eu queria decifrar. Fiordes inavegáveis que tenho prazer jônico em ficar olhando.

Mão de David. Quase mão de minha vida: forte, tentadora. Um olhar meu mais atento capta que a beleza é mais facilmente notada quando se esquece o que

JOSÉ CARLOS HONÓRIO é escritor, autor de, entre outros, *O Céu Nu e a Biruta* (Iluminuras) e *O Mar É Tarde Demais* (Transviatta).



se tem de teoria, o que se aprendeu, para deparar-se com o susto da beleza.

A teoria o que é? Onde andaré o susto da beleza na teoria? Nas páginas da Bíblia, na literatura, na poesia, na indomável poesia.

A beleza anda calcada na palavra ativada, na palavra feita ação. A poesia nos induz a erros constrangedores de procedimento. Estou prestes a me afogar nas águas profundas e insanas dos fiordes da mão do homem David. A poesia me sustenta como a veia da mão sustenta o que escreveu Clarice. E que nada me baste, a não ser procurar pelo caminho errado. E que nada me baste até sangrar de cólera tentando definir o que há comigo.

Leio Clarice e a literatura, como nada, me faz sangrar, pelo motivo único de eu estar vivo e sentir. E cruzo minhas mãos aos ventos e as comparo com a fragilidade da literatura de Clarice e as comparo simultaneamente com os dedos firmes, com a musculatura rígida das mãos, com os arquipélagos sombrios que são as unhas de David.

E David é um homem atemorizante. Não é uma criação. Não foi um homem que o fez. Foi o meu pensar na possibilidade de fazê-lo. Ele existe porque eu quero e como eu quero. A beleza de ler Clarice é vigiável. Posso ler uma única linha do meu personagem feminino preferido criado por ela que meu interior fica tomado de uma grande e profunda exaustão e gratidão, que passo dias em jejum de leitura.

Não tenho as mesmas articulações que David tem nas mãos, e adivinharia as de Clarice, tão inseguras. Existem rios de sangue que correm pelas mãos de David, inadvertidamente. E é bom que o façam. Que corram. Que encharquem as terras vulcânicas, às quais pertence meu coração.

Faço um corte longitudinal e simultâneo na vida que é o que Clarice escreve, e na mão direita de David homem. O que vejo é a mesma coisa. O que vejo são dois gemidos sendo dados. Duas súplicas sendo feitas. Dois disparates que deverão ser co-

metidos, pelo amor em Deus, para que a humanidade possa vir a fazer parte do reino.

Quando olho para a mão de David, eu olho rápido e desvio também rapidamente o olhar. Não quero me comprometer. Enfrento-me no reflexo baço do espelho em frente e cuidadosamente viro as costas. No segundo seguinte já não mais sou eu quem olha. Já é outro. A gente se desconhece a cada segundo.

Na teoria já está lá imortalizado o que foi dito. Na prática, já não sei, já não sabes. Nada é.

São trechos de estórias de amor que trago comigo que me vêm na lembrança quando leio Clarice Lispector: pedaços indiscretos, distantes, sem encaixe, que rodeiam meus espaços, fiordes indevassáveis, profundos, calcados na mão de David.

Mais para maravilhado que decepcionado, revejo algumas fotos, folheio revistas e, claro, releio cartas várias que atestam o meu juízo barrento em relação ao amor. O que Clarice dizia do amor?

Que o sol do cangaço se aposse de mim e que eu presencie um enforcamento cometido por essa mão que me espreita. Por essa mão direita que sabe de cor a temperatura do corpo em estado semelhante a esse: desesperador.

Que Clarice não me interrompa nesse ato último. Que a literatura não me salve. Nenúfares não me abrigarão. O choro, se houver, não seja espontâneo.

Que eu diga não à literatura como nunca disse; que de poesia eu só entenda a primeira estrofe, e esqueça.

A mão direita, ranhura de um carcereiro eficaz, a mão direita, voraz apetite de Dêmona, mão direita, armazém dos meus desejos mais secretos.

Que David faça um serviço limpo e eficiente. E que Clarice se cale. Que eu morra esquecendo tudo de mais belo que existe. Que minha cólera nesse momento sirva de inspiração para algum escritor novo que queira contar uma estória inusitada: vampiro da alma alheia.

Para isso serve a literatura, na prática.

Detalhe da
estátua de *Davi*
de Michelângelo